



A arqueologia e seu rompimento: a necessidade de uma *genealogia* e o aparecimento das *relações de poder* no pensamento de Michel Foucault
La arqueologia y su rompimento: la necesidad de una genealogía y el surgimiento de *las relaciones de poder* en el pensamiento de Michel Foucault

Archaeology and his break: the need for *genealogy* and the appearance of *power relations* in Michel Foucault thinking

Thana Mara de SOUZA¹
Bruno Abilio GALVÃO²

Resumo: O rompimento dos limites da arqueologia é o resultado de uma longa trajetória do pensamento de Foucault que, em *L'archéologie du savoir*, se torna incapaz de analisar as novas questões que surgem: o sujeito e o fundamento social referente às escolhas dos temas e teorias que compõem determinado discurso. A questão do sujeito apresenta-se na trajetória arqueológica desde o princípio, em *Histoire de la Folie*, vinculada ao conceito de *a priori histórico*, pois este sempre se remete a um “alguém” envolvido em práticas discursivas. Já o “fundamento social” aparece em *L'archéologie du savoir* quando Foucault investiga as formações estratégicas de um discurso. A partir desse momento, para explicar o aparecimento do saber vinculado com as práticas sociais em que o sujeito está inserido, Foucault opta por uma genealogia do poder. Então, o objetivo do nosso trabalho consiste em mostrar como ocorre o rompimento dos limites da arqueologia, fato que impulsiona Foucault a buscar, no pensamento de Nietzsche, a genealogia como método que o proporcione prosseguir com seus estudos. Ao alcançarmos o limite arqueológico de Foucault entrando em seu período genealógico, veremos o aparecimento da questão do poder e sua relação com as práticas discursivas apresentadas durante a vigência da arqueologia.

¹ Professora Dra. em Filosofia do PPGFIL da UFES. E-mail: souza_thana@yahoo.com.br.

² Mestrando em Filosofia do PPGFIL da UFES. E-mail: brunoabiliogalvao@hotmail.com.



Palavras chave: Arqueologia – Discurso – Genealogia – Poder – Saber.

Abstract: Breaking the boundaries of archeology is the result of a long trajectory of Foucault's thought that in *L'Archéologie du savoir*, becomes unable to analyze the new issues that arise: the subject and social grounds relating to the choices of themes and theories that make certain discourse. The question of the subject presented in archaeological history from the beginning, in *Histoire de la Folie*, linked to the concept of historical a priori, as it always refers to a "someone" involved in discursive practices. But the "social foundation" appears in *L'archéologie du savoir* when Foucault investigates the strategic formations of a speech. From that moment, to explain the emergence of knowledge linked with social practices in which the subject is inserted, Foucault opts for a genealogy of power. So the aim of our work is to show how the breaking of boundaries of archeology, a fact that drives Foucault to look at the thought of Nietzsche, genealogy as a method that provides continuing with their studies occurs. As we reach the archaeological limit Foucault entering his genealogical period, we will see the emergence of the issue of power and its relation to the discursive practices presented during the term of archeology.

Keywords: Archaeology – Speech – Genealogy – Power – Knowledge.

ENVIADO: 29.11.2014

ACEITO: 10.01.2015

I. Introdução

A arqueologia é o método empregado por Foucault para analisar as formações discursivas que individualizam determinado saber. Este método é aplicado em suas três primeiras obras, *Histoire de la Folie*, *Naissance de la clinique* e *Les mots et les choses* e trabalhado conceitualmente em seu quarto livro, *L'archéologie du savoir*. A partir disso, o horizonte de suas análises se expande e, em *Surveiller et Punir*, o saber passa a ser analisado em relação ao poder. Portanto, surge a questão: o que fez Foucault expandir os limites de sua forma de pensar se, a princípio, a arqueologia apresentava-se como um método promissor capaz de nos fornecer, para além da hermenêutica, uma história exata do surgimento de alguns saberes?

Procederemos à análise de seu método arqueológico e a trajetória de suas obras a ponto de entendermos como isso ocorreu. Iniciaremos a análise pelo objeto de estudo da arqueologia: as formações discursivas a nível discursivo.

Se a análise das formações discursivas engloba apenas discursos, os objetos de estudo de Foucault serão os “arquivos” de determinadas épocas. Os arquivos, por sua vez, não são constituídos pelo amontoado de discursos de determinadas épocas, mas por discursos que, por algum motivo, vieram a compor determinado saber. Seguindo por esse “motivo”, veremos que os arquivos, além dos discursos, guardam também “regularidades discursivas”.

Analisando essas regularidades discursivas Foucault elabora o conceito de *a priori histórico*. É a partir desse conceito e sua relação com o sujeito que Foucault começa a questionar sua posição de arqueólogo e, ao tentar fugir do fundacionismo, vê-se instaurando outro ao propor um método a-histórico para compreender a história.

Associado a esses questionamentos aparece, em *L'archéologie du savoir*, a questão das práticas sociais, nas quais o sujeito (e o próprio Foucault) está inserido, como fundamento das escolhas teóricas que compõem as formações discursivas. Quando o pensamento de Foucault alcança esse nível de complexidade, sua ilusão com a autonomia das práticas discursivas se auto – explicarem cai e reconhece a necessidade de partir para um outro método, adotando, dessa forma, a genealogia do poder de Nietzsche.

O objetivo deste trabalho é demonstrar como Foucault, alcançando os limites de sua arqueologia, opta por uma genealogia, a partir da qual surge a questão do poder em sua obra. Na passagem da arqueologia para a genealogia não há uma cisão entre duas formas de pensar, mas sim um alargamento da questão do saber que passa, após alguns direcionamentos apontados por Foucault, a se relacionar com o poder.

II. O método arqueológico e seu objeto de estudo

A palavra arqueologia possui derivação grega e é composta pelas palavras “*archê*” e “*logos*”³. *Archê* corresponde a princípio originário⁴, e “*logos*”, dentre as

³ BAYS, Deise Gabriela. *O sujeito em questão – a arqueo – genealogia das ciências humanas em Michel Foucault*. 2010. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Programa de Pós-graduação em Filosofia, Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), São Leopoldo, 2010, p. 17.

⁴ SOUZA, José Cavalcante de (org.). *Os Pré-Socráticos: Fragmentos, doxografia e comentários*. São Paulo: Nova Cultura, 1996, p. 20.

várias designações, podemos optar por “discurso” ou “dizer”.⁵ Ora, então a “arqueologia do saber” de Foucault corresponderia à busca de um saber contido no discurso ou dizer de determinado princípio originário? Tal definição, a princípio, nos incorre no risco de apontarmos para uma busca pelos fundamentos primeiros de algo e, assim, cairmos em uma metafísica. Foucault não procura por fundamentos últimos, mas sim por “começos”.

A palavra arqueologia, associada à função do arqueólogo, “se trata de um procedimento de escavar”⁶, mas não restos mortais de sociedades antigas, e sim “escavar verticalmente as camadas descontínuas de discursos já pronunciados, muitas vezes de discursos do passado, a fim de trazer à luz fragmentos de ideias, conceitos, discursos talvez já esquecidos”.⁷ Então, a arqueologia é um procedimento de análise histórica que, ao “escavar” determinado “sítio histórico”, faz um recorte na história buscando encontrar “fragmentos de ideias”, “conceitos” e “discursos” que formam determinado “saber”. O que consiste em “dar relevo às partes, tantas vezes tidas como insignificantes, para tentar articulá-las e montar o todo”.⁸

Portanto, a arqueologia consiste no trabalho de, ao buscar elementos discursivos em determinado momento histórico, estabelecer as condições de possibilidades do surgimento de determinado saber. Porém, ainda sobre a palavra “arqueologia”, Foucault diz:

Utilizo a palavra ‘arqueologia’ por duas ou três razões principais. A primeira é que é uma palavra com a qual se pode jogar. *Arché*, em grego, significa ‘começo’. Em francês, temos também a palavra ‘arquivo’, que designa a maneira como os elementos foram registrados e podem ser extraídos. O termo ‘arqueologia’ remete, então, ao tipo de pesquisa que se dedica a extrair os acontecimentos discursivos como se eles estivessem registrados em um arquivo.⁹

A arqueologia investiga os elementos formadores do discurso registrados, em determinado período histórico, em “arquivos”. “O arquivo representa, portanto, o conjunto dos discursos efetivamente pronunciados numa época

⁵ PESSOA, Fernando Mendes. *O assunto e o caminho do pensamento de Heidegger*. Espírito Santo: Edufes, 2003, p. 55.

⁶ VEIGA-NETO, Alfredo. *Foucault & a Educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004, p. 54.

⁷ VEIGA-NETO, Alfredo. *Foucault & a Educação*, *op. cit.*

⁸ VEIGA-NETO, Alfredo. *Foucault & a Educação*, *op. cit.*

⁹ FOUCAULT, Michel. “Diálogo sobre o poder”. In: *Ditos e Escritos IV: Estratégia, Poder-Saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005, p. 257.

dada e que continuam a existir através da história”.¹⁰ Seria então isso o arquivo, o conjunto de tudo o que é produzido discursivamente em determinada época? Se for assim, como explicar a formação de saberes específicos? A descrição do arquivo de determinada época deve estabelecer, portanto, elementos que promovam a unificação discursiva desses saberes específicos. Então, “arquivo” não é só o conjunto de elementos discursivos, mas também “o jogo das regras que, numa cultura, determinam o aparecimento e o desaparecimento de enunciados, sua permanência e seu apagamento, sua existência paradoxal de *acontecimentos* e de *coisas*”¹¹ e também o que proporciona sua unificação discursiva.

O arquivo que Foucault toma como objeto de estudo, além do registro dos objetos de conhecimento, traz implícito o conjunto de regras que determinam os enunciados que irão compor determinada formação discursiva. Os arquivos, dessa forma, são “sistemas de enunciados”¹², enunciados interligados entre si compondo uma unidade discursiva.

Trata-se antes, e ao contrário, do que faz com que tantas coisas ditas por tantos homens, há tantos milênios, não tenham surgido apenas segundo as leis do pensamento, ou apenas segundo o jogo das circunstâncias, que não sejam simplesmente a sinalização, no nível das *performances* verbais, do que se pôde desenrolar na ordem do espírito ou na ordem das coisas; mas que tenham aparecido graças a todo um jogo de relações que caracterizam particularmente o nível discursivo; que em lugar de serem figuras adventícias e como que inseridas, um pouco ao acaso, em processos mudos, nasçam segundo regularidades específicas (...)¹³.

Dessa forma, o arquivo comporta uma complexidade de elementos discursivos que mantém entre si relações complexas, determinando o que entra na ordem discursiva de determinado saber. Foucault estuda determinados elementos discursivos não para simplesmente tomar conhecimento do que foi dito sobre certos assuntos, mas sim com o objetivo de especificar como e por que, dentre inúmeras coisas ditas, determinados enunciados se mantiveram, dentre outros, em certos discursos. Foucault procura estabelecer nesse jogo entre os enunciados, jogo de exclusão e inclusão, a possibilidade de surgimento de novos enunciados e também o

¹⁰ REVEL, Judith. *Michel Foucault: conceitos essenciais*. São Carlos: Claraluz, 2005, p. 18.

¹¹ REVEL, Judith. *Michel Foucault: conceitos essenciais, op. cit.*, p. 18.

¹² FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008, p. 146.

¹³ FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber, op. cit.*, p. 146.

abandono de alguns, e como alguns enunciados, transpostos de um arquivo para outro, adquirem uma funcionalidade diferente.

III. A prática arqueológica e a tentativa de determinar uma unidade discursiva

A arqueologia é sempre uma análise de discursos, que por sua vez “é feita sem respeitar a distinção entre tipos de discursos, sem obedecer as tradicionais distribuições dos discursos em ciência, poesia, romance, filosofia, etc.”.¹⁴ Os discursos por sua vez, se unificam valendo-se dessas modalidades distintas. Foucault elabora quatro hipóteses sobre a unificação discursiva, porém, após analisá-las, as rejeita.

Primeira hipótese: o discurso seria unificado pelo objeto de que se fala. Para Foucault, os enunciados não se agrupam em torno de um objeto pré-existente, ao contrário, são os enunciados que configuram o objeto que aparece no discurso, por exemplo, a loucura, enquanto objeto discursivo, “foi construída pelo que se disse a seu respeito, pelo conjunto destas enunciações”.¹⁵

Segunda hipótese: a organização de um discurso não ocorre “por sua forma de encadeamento, uma forma constante de enunciação ou um estilo”.¹⁶ Na clínica médica, não há um conjunto de enunciados provenientes de uma mesma área do conhecimento que integra o discurso médico:

...descrições qualitativas, narrações biográficas, demarcação, interpretação e recorte de signos, raciocínios por analogia, dedução, estimativas estatísticas, verificações experimentais, e muitas outras formas de enunciados, eis o que se pode encontrar, no século XIX, no discurso dos médicos.¹⁷

Terceira hipótese: a unidade discursiva se constituiria em um sistema fechado de conceitos compatíveis entre si. Essa hipótese não procede, pois em uma unidade discursiva há concomitantemente a presença de conceitos de origens e funcionalidades distintas, o que direciona o questionamento para a possibilidade de surgimento de conceitos divergentes em um mesmo discurso.

¹⁴ MACHADO, Roberto. *Ciência e Saber: A Trajetória da Arqueologia de Michel Foucault*. Rio de Janeiro: Graal, 1988, p. 161.

¹⁵ MACHADO, Roberto. *Ciência e Saber: A Trajetória da Arqueologia de Michel Foucault*, *op. cit.*

¹⁶ MACHADO, Roberto. *Ciência e Saber: A Trajetória da Arqueologia de Michel Foucault*, *op. cit.*, p. 162.

¹⁷ FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*, *op. cit.*, p. 56.

Quarta hipótese: os discursos estabeleceriam então sua unidade de acordo com o tema ou teoria de que tratam. Foucault percebe que um mesmo tema pode aparecer em discursos diferentes. O tema “evolucionismo”, por exemplo, se apresenta em dois tipos de discursos diferentes, na história natural (século XVIII) e na biologia no (século XIX). De forma contrária, um discurso pode conter temas diferentes.

Vimos que não há um elemento discursivo que sirva de princípio para individualizar um discurso, o que foi possível perceber é que, em cada nível apontado, o que há é a associação ou agrupamento de elementos diferentes constituindo um discurso. Diferentes enunciados, de origens históricas e geográficas diferentes, estabelecem relações entre si e formam os objetos discursivos; as diferentes modalidades enunciativas que aparecem, não ao acaso, em um mesmo lugar, se inter-relacionam constituindo uma disciplina; conceitos distintos formam uma “ciência” abarcando diversos temas e teorias e esta relação entre temas e teorias forma um discurso.

Uma vez que não há um princípio unificador do discurso, a única possibilidade de unificação é o fato de as diferentes partes se relacionarem entre si de forma determinada. Então, aquilo que determina o tipo de relação que será mantida entre os elementos é o que proporciona uma formação discursiva. De acordo com esse “determinador”, alguns elementos entram e outros saem da ordem do discurso. Trata-se de uma regularidade, uma lei discursiva que atua no nível do discurso determinando os tipos de relações estabelecidos entre os enunciados e os outros elementos discursivos.

IV. As regularidades discursivas e o *a priori* histórico como elemento de aproximação entre saber e poder

Confrontado e desclassificado as quatro hipóteses sobre a unidade discursiva e concluído que os elementos discursivos de cada hipótese surgem e se articulam entre si segundo relações estabelecidas entre si, “Foucault se defronta com um novo problema: como estabelecer unidades no âmbito do discurso? Como relacionar e agrupar enunciados?”.¹⁸ Falar sobre “determinadas relações” significa falar de relações específicas, relações discursivas que promovem o aparecimento de certo discurso. Portanto, para cada formação discursiva há um sistema de relações próprio que determina

¹⁸ BAYS, Deise Gabriela. *O sujeito em questão – a arqueologia – genealogia das ciências humanas em Michel Foucault, op. cit.*, p. 30.

como os elementos discursivos se agrupam, assim, a descrição arqueológica “procurará estabelecer regularidades que funcionem como lei da dispersão”.¹⁹

Então, há nas formações discursivas um sistema de “legalidades”, ou seja, um conjunto de regras que regem a formação dos discursos. Portanto, nenhum dos componentes apresentados anteriormente são regras de formação discursiva, mas surgem e se relacionam segundo uma regularidade.

O ponto importante da análise é que as regras que caracterizam um discurso como individualidade se apresentam sempre como um sistema de relações. São as relações entre objetos, entre tipos enunciativos, entre conceitos e entre estratégias que possibilitam a passagem da dispersão à regularidade. Assim, enquanto se processam emergências e transformações, na medida em que se estabelece a regularidade da relação, o sistema permanece com características que permitem individualizá-lo.²⁰

Essa regulamentação discursiva não é somente a organizadora dos elementos discursivos que irão compor um discurso, mas também aquilo que proporciona o surgimento desses elementos. Consequentemente, estas regras de formação discursiva ocuparão uma posição anterior ao discurso, sendo então um *a priori* do discurso. Com esta palavra Foucault pretende

designar um *a priori* que não seria condição de validade para juízos, mas condição de realidade para enunciados. Não se trata de reencontrar o que poderia tornar legítima uma assertiva, mas isolar as condições de emergência dos enunciados, a lei de sua coexistência com outros, a forma específica de seu modo de ser, os princípios segundo os quais subsistem, se transforma e desaparecem.²¹

Embora Foucault utilize esse termo para designar o que torna possível a formação discursiva, de maneira alguma ele faz alusão às faculdades transcendentais e universais dos sujeitos de conhecimento que tornam possível a formulação de “juízos”. Ele quer designar algo contrária a isso, uma vez que, em seu método arqueológico, desvincula totalmente as práticas discursivas com o sujeito transcendental conferindo ao discurso autonomia própria com relação as suas práticas de formação. Pretende, com o *a priori*, algo inerente ao próprio discurso. E como todo discurso estudado sob a ótica

¹⁹ MACHADO, Roberto. *Ciência e Saber: A Trajetória da Arqueologia de Michel Foucault*, op. cit., p. 162.

²⁰ MACHADO, Roberto. *Ciência e Saber: A Trajetória da Arqueologia de Michel Foucault*, op. cit., p. 165.

²¹ FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*, op. cit., p. 144.

arqueológica é uma análise histórica do surgimento de determinado saber, as condições de surgimento dos elementos discursivos variam de acordo com cada acontecimento discursivo. Então, o *a priori* discursivo é sempre *histórico* e contingente,

...não escapa à historicidade: não constitui, acima dos acontecimentos, e em um universo inalterável, uma estrutura intemporal; define-se como o conjunto das regras que caracterizam uma prática discursiva: ora, essas regras não se impõem do exterior aos elementos que elas correlacionam; estão inseridas no que ligam; e se não se modificam com o menor dentre eles, os modificam, e com eles se transforma em certos limiares decisivos.²²

Foucault, com o conceito de *a priori histórico*, pretende descrever cada formação discursiva como “acontecimento único”. Pensa que cada discurso possui uma formulação exata, seu projeto consiste em uma descrição pura dos fatos do discurso. Foucault se desvincula então da noção de sujeito como fundamento do saber e de que deveríamos interpretar uma obra como consciência espelhada, ou seja, não há uma consciência por trás do discurso a ser desvendada.

A análise do discurso proposta por Foucault tem por objetivo captar os enunciados em suas funcionalidades específicas ao serem postos em relação com outros enunciados. Daí então a importância do conceito de *a priori histórico* para a arqueologia, pois, por ser a própria regularidade condição de surgimento dos enunciados inerente ao próprio discurso, retira a “origem” discursiva de uma consciência individual e pessoal da qual nos restaria apenas interpretarmos aquilo que é dito sem ter acesso ao “texto” de fato. Ora, se não temos acesso à consciência pensante e a primeira leitura já é uma interpretação,

se a interpretação não se pode nunca acabar, isto quer simplesmente significar que não há nada a interpretar. Não há nada absolutamente primário a interpretar, porque no fundo já é tudo interpretação, cada símbolo é em si mesmo não a coisa que se oferece à interpretação, mas a interpretação de outros símbolos²³,

²² FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*, *op. cit.*, p. 145.

²³ FOUCAULT, Michel. *Nietzsche, Freud e Marx: Theatrum Philosophicum*. São Paulo: Princípio, 1997, p. 22.

ou seja, quanto mais interpretamos um discurso, menos encontramos o seu significado fixo, e mais encontramos outras interpretações ²⁴.

Embora o conceito de *a priori histórico* só tenha sido formulado em *L'archéologie du savoir*²⁵ enquanto denominação da regularidade discursiva, a busca em estabelecer as condições e possibilidades que proporcionaram o surgimento de alguns saberes se encontra também em suas obras anteriores.

Portanto, *Histoire de la Folie*, *Naissance de la clinique* e *Les mots et les choses*, ao mostrarem, respectivamente, o surgimento da psiquiatria, da medicina moderna e das ciências humanas, estabelecem as regularidades discursivas que proporcionaram o surgimento destes saberes, ou seja, seus *a priori históricos*. Porém, o *a priori histórico*, apenas explicado conceitualmente, inviabiliza entendermos o surgimento das relações de poder. Portanto, analisaremos a questão do *a priori histórico* contextualizado na obra *Histoire de la Folie*.²⁶

V. O *a priori histórico* na *Histoire de la Folie*

Histoire de la Folie é a obra que inicia a trajetória arqueológica de Foucault. Para mostrar como foi possível o surgimento da psiquiatria enquanto saber, ele descreve uma sucessão de fatos históricos para mostrar como o louco, gradualmente, é configurado como objeto de conhecimento. Esta história é desenvolvida em dois segmentos que decorrem por caminhos diferentes convergindo apenas no final da mesma. Esses caminhos distantes são, por um lado, o conhecimento teórico sobre a loucura enquanto doença e por outro, o modo como o louco é percebido nos diferentes espaços que ocupou.

Sobre o conhecimento teórico a respeito da loucura enquanto doença mental basta, ao menos, dizer que o conhecimento da época clássica era puramente especulativo e classificatório e buscava enquadrar em grupos e espécies as

²⁴ DREYFUS, Hubert e RABINOW, Paul. *Michel Foucault, uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Rio de Janeiro: Forenses Universitária, 1995, p. 119-120.

²⁵ ALMEIDA, Tiago Santos. “O ‘a priori histórico’ segundo Michel Foucault”. In: MATA, Sérgio Ricardo da Mata, MOLLO, Helena Miranda e VARELLA, Flávia Florentino (orgs.). *Caderno de resumos & Anais do 2º. Seminário Nacional de História da Historiografia. A dinâmica do historicismo: tradições historiográficas modernas*. Ouro Preto: EdUFOP, 2008.

²⁶ Embora apareça também nas duas obras seguintes de formas diferentes, acreditamos que a análise desse conceito em apenas uma dessas obras é suficiente para mostrar como ele se mostra como a ponte para compreender o vínculo entre saber e poder, objeto futuro das análises de Foucault.

doenças em um quadro geral. O conhecimento teórico da loucura surgirá por meio de uma dedução a partir do pensamento cartesiano que estabelece a razão como fundamento do conhecimento, o que classifica, conseqüentemente, a loucura como o lugar da “não razão”, “a loucura é diferença imediata, negatividade pura, aquilo que se denuncia como não-ser, numa evidência irrecusável; é uma ausência total de razão, que logo se percebe como tal, sobre o fundo das estruturas do razoável”.²⁷

A loucura segue nesse esquema de pensamento especulativo sofrendo alterações oriundas de outros fatores teóricos mantendo-se distante do louco até o surgimento da psiquiatria, quando, para assumir um papel em um dispositivo de poder, se integra ao louco em um mesmo espaço.

Por outro lado, a respeito do louco como objeto de conhecimento:

o estatuto de louco é conferido (na época clássica²⁸) não pelo conhecimento médico, mas por uma ‘percepção social’, dispersa e produzida por diversas instituições da sociedade como a polícia, a justiça, a família, a Igreja, etc., a partir de critérios que dizem respeito não à medicina, mas à transgressão às leis da razão e da moralidade.²⁹

A saga do louco produzido como objeto discursivo pela percepção social se inicia com o que Foucault chama de “a grande internação”³⁰, que consistia em “internar” determinado grupo da população. As pessoas eram internadas segundo critérios políticos, econômicos e morais. Grande fator que proporcionou essa prática foi uma mudança na concepção de pobreza que, anteriormente compreendida religiosamente como algo dotado de uma “positividade mística” e por isso, santificada, é substituída por uma concepção que lhe atribuída “a negatividade de uma desordem moral e um obstáculo à ordem social”.³¹

²⁷ FOUCAULT, Michel. *História da loucura na Idade Clássica*. São Paulo: Perspectiva, 1978, p. 203.

²⁸ Parênteses nosso.

²⁹ MACHADO, Roberto. *Ciência e Saber: A Trajetória da Arqueologia de Michel Foucault*, *op. cit.*, p. 63.

³⁰ FOUCAULT, Michel. *História da loucura na Idade Clássica*, *op. cit.*

³¹ MACHADO, Roberto. *Ciência e Saber: A Trajetória da Arqueologia de Michel Foucault*, *op. cit.*, p. 64.

A pobreza “passa de uma experiência religiosa que a santifica para uma concepção moral que a condena”.³² Embora também na época vigorasse a ideia de, ao não participar do ciclo econômico, os pobres deveriam ser excluídos do mesmo, o fator moral foi predominante a ponto de o enclausuramento se tornar um projeto político de correção da imoralidade através da repressão física, dessa forma, “as grandes casas de internamento (...) (eram)³³ de modo obscuro, (...) um castigo moral da miséria”.³⁴

O internamento, para Foucault, além do seu aspecto negativo, é positivo no sentido de produzir realidade e saber.³⁵ Ao separar se institui um outro do corpo social, diferenciado por meio de valores morais que se efetuam na percepção de um grupo sobre o outro, estando este em condições de pobreza ou de reclusão. Esse grupo de internos, visto a princípio homogeneamente, era composto por quatro tipos de pessoas: o doente venéreo; o profanador religioso; o libertino; e, por fim, o louco. Porém, embora distingamos esses diferentes personagens, na época todos eram vistos da mesma forma. O louco, nesse momento, “não é percebido como doente e muito menos como doente mental”³⁶, mas sim como imoral por não trabalhar e, conseqüentemente, não possuir nenhum patrimônio.

No século XVIII, a “grande internação” sofre críticas tanto de origem interna quanto externa, o que promove determinadas mudanças quanto à população que deve ser mantida internada. Internamente, a crítica surge do fato de os próprios internos protestarem por conviver com o louco, e assim começa uma diferenciação na ordem do saber quanto à população internada. Contribuindo com essa distinção, a crítica externa se pauta no surgimento do capitalismo, que provoca algumas mudanças na forma de se compreender a relação da pobreza com o ciclo econômico.

³² FOUCAULT, Michel. *História da loucura na Idade Clássica*, *op. cit.*, p. 67.

³³ Parênteses nosso.

³⁴ FOUCAULT, Michel. *História da loucura na Idade Clássica*, *op. cit.*

³⁵ Nas instituições de internamento eram feitas anotações e registros a respeito dos indivíduos reclusos.

³⁶ MACHADO, Roberto. *Ciência e Saber: A Trajetória da Arqueologia de Michel Foucault*, *op. cit.*, p. 65.

O indivíduo é percebido como fonte de riqueza na medida em que o corpo é concebido como força de trabalho³⁷, e excluir essa população do ciclo de produção significa deixar de produzir riquezas.

Mirabeau³⁸, o amigo dos homens, é tão severo em relação ao internamento quanto em relação aos próprios internos; para ele, nenhum dos que estão encerrados ‘nas célebres prisões do Estado’ é inocente; mas o lugar deles não é nessas casas dispendiosas, onde levam uma vida inútil; por quê prender ‘as mulheres de vida alegre que, levadas para as manufaturas do interior, poderiam tornar-se mulheres trabalhadoras’?³⁹

Essa visão externa dos internos também promove uma cisão nessa população. Eles são divididos entre os sãos, os que podem trabalhar e, dessa forma, encaminhados às fábricas, e os doentes, os impossibilitados, mantidos no internamento para servir a fins filantrópicos da sociedade. O louco, percebido como indivíduo doente e incapacitado, é separado do restante.

A partir desse momento os loucos serão mantidos em casas de reclusão onde sua loucura será medicada. A “medicação” não significa a importação do conhecimento teórico sobre a loucura e sua aplicação no louco, mas sim um processo de reorganização do espaço:

Há muito tempo, e em todo o domínio da medicina, a terapêutica vinha seguindo um caminho relativamente independente. Em todo caso, nunca, desde a Antiguidade, soubera coordenar todas as suas formas com os conceitos da teoria médica. E, mais que qualquer outra doença, a loucura manteve ao seu redor, até o final do século XVIII, todo um corpo de práticas ao mesmo tempo arcaicas pela origem, mágicas pela significação e extramédicas pelo sistema de aplicação⁴⁰.

³⁷ Estes são os primeiros sinais do poder disciplinar na obra de Foucault, porém ainda não é tematizado e nem problematizado.

³⁸ Honoré-Gabriel Riqueti, conde de Mirabeau (1749-1791), foi um político francês e orador, uma das maiores figuras da Assembléia Nacional que governou a França durante as primeiras fases da Revolução Francesa. Um moderado e defensor da monarquia constitucional, ele morreu antes que a Revolução alcançasse o clímax de sua radicalidade” (tradução nossa). CHEVALLIER, Jean-Jacques. “Honoré-Gabriel Riqueti, comte de Mirabeau”. In: *Encyclopaedia Britannica*. Chicago: Encyclopædia Britannica, Inc. 2014. *Internet*, <http://global.britannica.com/EBchecked/topic/384793/Honore-Gabriel-Riqueti-comte-de-Mirabeau>.

³⁹ FOUCAULT, Michel. *História da loucura na Idade Clássica*, *op. cit.*, p. 437.

⁴⁰ FOUCAULT, Michel. *História da loucura na Idade Clássica*, *op. cit.*, p. 225.

A reclusão, por si só, é compreendida como terapêutica e proporciona a cura do indivíduo. Além de sua função terapêutica, a reclusão do louco torna-se o lugar da verdade da loucura, a coerção exercida pelo internamento “é a condição de possibilidade da eclosão da loucura em sua verdade”.⁴¹ A loucura torna-se objeto de conhecimento,

o conhecimento da loucura é uma peça do mecanismo de controle estabelecido no próprio internamento. É porque é vigiada (...) que a loucura é interrogada pelo olhar, considerado neutro, possibilitado pela instituição da reclusão. O guarda vira sujeito de conhecimento e a loucura torna-se, a partir de então,⁴² “forma olhada, coisa investida pela linguagem, realidade que se conhece; torna-se objeto”.⁴³

Esse processo de institucionalização do louco e a produção deste como objeto do discurso proporcionará, no século XIX, o surgimento da psiquiatria, porém, não como prática médica, mas terapêutica. O conhecimento teórico e especulativo produzido até o momento se une à institucionalização do louco, porém sua função é apenas justificar a intervenção médica sobre o doente mental, ou seja, mascarar uma realidade que acontece no interior dessas instituições.

O que tornou possível a constituição do saber psiquiátrico durante esse processo não foi o conhecimento teórico sobre a loucura, mas sim a produção de enunciados sobre o louco nas diversas instituições pela qual passou segundo a forma que ele era percebido. Então, podemos identificar, no nascimento da psiquiatria, a “percepção” do louco como *a priori histórico*, ou seja, a percepção é o fator que proporciona o surgimento do louco enquanto objeto de estudo da psiquiatria⁴⁴.

⁴¹ MACHADO, Roberto. *Ciência e Saber. A Trajetória da Arqueologia de Michel Foucault*, op. cit., p. 76.

⁴² MACHADO, Roberto. *Ciência e Saber. A Trajetória da Arqueologia de Michel Foucault*, op. cit., p. 77.

⁴³ FOUCAULT APUD MACHADO, Roberto. *Ciência e Saber. A Trajetória da Arqueologia de Michel Foucault*, op. cit.

⁴⁴ Embora não tenhamos abordado o conceito de *a priori histórico* nas duas obras posteriores à *Histoire de la folie*, *Naissance de la clinique* e *Les mots et les choses*, destacamos que as condições de possibilidades dos saberes abordados em cada uma dessas obras, a medicina moderna e as ciências humanas respectivamente, aparecem de forma diferente da qual apontamos em *Histoire de la folie*, ou seja, a percepção do louco submetido à diversas práticas em diversas instituições, porém, como veremos no próximo subtema, apresentam características comuns, todos se referem a um sujeito. Em *Naissance de la clinique* o *a priori histórico* aparece como o “olhar” do médico, como nos diz Foucault: “A partir de 1816, o

VI. O *a priori* histórico e o fundamento social: abalo dos limites da arqueologia e a necessidade de uma genealogia do poder

Diferentemente das três primeiras obras correspondentes à trajetória arqueológica, em *L'archéologie du savoir* “Foucault procura apresentar o método através do qual havia desenvolvido suas pesquisas até aquele momento”.⁴⁵ O que não significa que esta obra não traga novidade alguma, pois, ao fazer um levantamento sobre o que foi desenvolvido, aponta os limites de seu próprio pensamento. Limites assinalados desde suas obras anteriores ao articular os elementos discursivos com práticas não discursivas, que têm sua importância diminuída pela busca ilusória da autonomia do discurso.

Mas, afinal de contas, o que são os *a priori* históricos assinalados nessas obras como condições de possibilidades de elementos discursivos e, conseqüentemente, do próprio discurso? Temos como *a priori* a percepção em *Histoire de la Folie*, o olhar em *Naissance de la clinique* e o sujeito transcendental kantiano em *Les mots et les choses* que é, ao mesmo tempo, fundamento e objeto de conhecimento. Embora Foucault exclua o sujeito transcendental como fundamento do saber e coloque em seu lugar um “sujeito discursivo”, a

olho do médico pôde se dirigir a um organismo doente. O *a priori* histórico e concreto do olhar médico moderno completou sua constituição” (FOUCAULT, Michel. *Nascimento da clínica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1977, p. 222). E, em *Les mots et les choses*, como duplo empírico – transcendental formulado a partir das ciências empíricas que envolvem o homem (economia, filologia e biologia) com o sujeito transcendental kantiano pois, “Se é verdade, ao nível dos diferentes saberes, que a finitude é sempre designada a partir do homem concreto e das formas empíricas que se podem atribuir à sua existência, ao nível arqueológico, que descobre o *a priori* histórico e geral de cada um dos saberes, o homem moderno (...) só é possível a título de figura da finitude. A cultura moderna pode pensar o homem porque ela pensa o finito a partir dele próprio” (FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. São Paulo: Martins Fontes, 2000, p. 438). Ou seja, “O homem, na analítica da finitude, é um estranho duplo empírico-transcendental, porquanto é um ser tal que nele se tomará conhecimento do que torna possível todo conhecimento” (FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*, *op. cit.*, p. 439). Dessa forma, concordamos com a conclusão apresentada por Machado (*Ciência e Saber. A Trajetória da Arqueologia de Michel Foucault*. Rio de Janeiro: Graal, 1988, p. 125) “o fato de o homem desempenhar duas funções no saber da modernidade, isto é, sua existência como coisa empírica e, como fundamento filosófico é chamado por Foucault de *a priori* histórico”.

⁴⁵ CANDIDO, Luiz Felipe Martins. *Genealogia da biopolítica: uma leitura da analítica do poder de Michel Foucault*. 2013. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013, p. 170.

percepção, o olhar e o sujeito kantiano remetem-se sempre a um “quem” localizado histórico e espacialmente. Quem e onde (percebe, olha, analisa) o quê? Então, as condições de possibilidades discursivas, os *a priori* históricos, remeteriam a um sujeito enquanto função discursiva imerso em elementos não discursivos. Há, dessa forma, uma implicância direta entre discursivo e não discursivo em que o sujeito é produzido contingentemente. Ou seja, o guarda do hospício, que vigia o louco e tece anotações sobre o comportamento deste gerando enunciados, não é a mesma figura do médico que observa tecidos doentes no corpo e produz enunciados sobre a doença e nem o mesmo que o “filósofo” que pensa a si mesmo. O que faz desses sujeitos tão diferentes? Qual a questão do sujeito e suas heterogeneidades?

Decretada a morte do sujeito transcendental em *Les mots et les choses*, resta a ele ser “o resultado de histórias sob as quais não possui poder algum, só pode seguir que o sujeito é apenas um dos modos a partir do qual os enunciados encontram suas visibilidades”.⁴⁶ O sujeito, então, é o resultado de uma verdade historicamente produzida. Quem é o médico, na medicina moderna, que tem suas atitudes legitimadas para com os doentes por meio do discurso médico? A partir dessa posição começa a aparecer na arqueologia questões como a configuração discursiva dos sujeitos. E essas questões põem em dúvidas a própria posição arqueológica de Foucault.

Foucault pretendia com a arqueologia um método a-histórico, um método totalmente desvinculado da cientificidade e do academicismo de sua época, com o objetivo de traduzir a história das ciências humanas em seu acontecer próprio. “A arqueologia é simplesmente uma disciplina a-histórica, com uma linguagem técnica a-histórica, que pode avaliar e ordenar a história precisamente porque não está na história”.⁴⁷ Essa questão do sujeito faz com que Foucault questione a si mesmo e a pretensão de seu método. Dreyfus e Rabinow nos mostram alguns momentos em que Foucault parece hesitar em relação à sua postura arqueológica em *L’archéologie du savoir*. “Foucault diz de seu próprio trabalho⁴⁸: ‘(eu tentei) definir este espaço em branco de onde eu falo e que ganha forma, lentamente, num discurso que sinto tão precário, tão

⁴⁶ ALMEIDA, Tiago Santos. “O ‘a priori histórico’ segundo Michel Foucault”, *op. cit.*, p. 05.

⁴⁷ DREYFUS, Hubert e RABINOW, Paul. *Michel Foucault, uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Tradução de Vera Porto Carrero. Rio de Janeiro: Forenses Universitária, 1995, p. 109.

⁴⁸ DREYFUS, Hubert e RABINOW, Paul. *Michel Foucault, uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica, op. cit.*, p. 96.

incerto ainda”⁴⁹. Assim Foucault parece se colocar, à maneira como mostramos os sujeitos das práticas discursivas, “como um dentre vários ‘trabalhadores sérios’”⁵⁰, ou seja, Foucault começa a questionar o *status* da arqueologia como método imparcial e assume que fala de alguma posição localizada histórica e espacialmente. Estes “lapsos” que Foucault apresenta em *Arqueologia do saber* apontam para o método genealógico que irá empregar em seus estudos dos anos 70.⁵¹

Além da questão da formação do sujeito, em *L’archéologie du savoir*, ao fazer um retrospecto de sua trajetória, Foucault se depara com a questão das formações estratégicas, que se refere aos diversos “temas” e “teorias” que integram o discurso. Ele trata essa questão em três níveis, os dois primeiros, que dizem respeito aos “pontos de difração”⁵² e a “economia da constelação discursiva”⁵³ referem-se à formação dos temas e dos discursos a nível discursivo.

O terceiro nível, que nos interessa, diz respeito à escolha teórica em relação às práticas não discursivas. Essa instância das escolhas teóricas em relação às práticas não discursivas apresenta algumas peculiaridades no pensamento de Foucault. Em primeiro lugar, “essa instância se caracteriza, de início, *pela função* que deve exercer o discurso estudado *em um campo de práticas não discursivas*.”⁵⁴

Essa escolha, como o próprio nome sugere, é “estratégica”, pois determinado tema é escolhido para integrar determinado discurso de acordo com uma função que este deve exercer num espaço não discursivo. Mas, quem ou o quê dentre os elementos não discursivos é o sujeito dessas escolhas? “Essa instância compreende também *o regime e os processos de apropriação* do discurso”⁵⁵, pois a propriedade do discurso está reservada a um grupo determinado de indivíduos, isto é, o direito ou a competência de pronunciar e compreender determinados discursos, acesso lícito e imediato ao corpus discursivo já

⁴⁹ FOUCAULT apud DREYFUS, Hubert e RABINOW, Paul. *Michel Foucault, uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica*, op. cit.

⁵⁰ DREYFUS, Hubert e RABINOW, Paul. *Michel Foucault, uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica*, op. cit., p. 97.

⁵¹ DREYFUS, Hubert e RABINOW, Paul. *Michel Foucault, uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica*, op. cit.

⁵² FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*, op. cit., p. 73.

⁵³ FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*, op. cit., p. 74.

⁵⁴ FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*, op. cit., p. 75.

⁵⁵ FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*, op. cit.

produzido e a capacidade de investir estes em espaços não discursivos de instituições e práticas.

Suponho que em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade. (...) sabe-se bem que não se tem o direito de dizer tudo, que não se pode falar de tudo em qualquer circunstância, que qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa⁵⁶.

O discurso, pelas funções que exerce num campo não discursivo, é alvo de interesse de propriedade por determinados indivíduos. Apropria-se do discurso para exercer funções no campo não discursivo, deter o discurso é deter “perigos e poderes”, pois do contrário, qual o problema “no fato de as pessoas falarem e de seus discursos proliferarem indefinidamente? Onde, afinal, está o perigo?”⁵⁷.

A última caracterização dessa instância se refere às “posições possíveis do desejo em relação do discurso”⁵⁸. Essa característica, relacionada com as anteriores, mostra que os discursos, formados a partir de escolhas estratégicas para desempenharem determinada função num campo não discursivo, “podem ocupar, em relação ao desejo, relações bem determinadas”⁵⁹, ou seja, há um objetivo a ser cumprido nessa trama em que o discurso exerce uma função essencial, pois “as práticas discursivas modificam os domínios por elas relacionados”⁶⁰.

Então, em relação às escolhas estratégicas, “são as práticas não discursivas que oferecem o horizonte, o fundamento ou o elemento suscetível de forma inteligível à escolha de uma estratégia discursiva”⁶¹. Ao falar da arqueologia de Foucault parece que chegamos às suas fronteiras. O que há para depois da linha arqueológica? Será que Foucault transporia esta linha?

⁵⁶ FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso: aula inaugural no College de France*. São Paulo: Edições Loyola, 2011, p. 08-09.

⁵⁷ FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso: aula inaugural no College de France*, *op. cit.*, p. 08.

⁵⁸ FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*, *op. cit.*, p. 75.

⁵⁹ FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*, *op. cit.*

⁶⁰ FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*, *op. cit.*, p. 84.

⁶¹ DREYFUS, Hubert e RABINOW, Paul. *Michel Foucault, uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica*, *op. cit.*, p. 86.

Ora, o que se analisa aqui não são, certamente, os estados terminais do discurso, mas sim os sistemas que tornam possíveis as formas sistemáticas últimas; são regularidades pré-terminais em relação às quais o estado final, longe de constituir o lugar de nascimento do sistema, se define, antes, por suas variantes. Atrás do sistema acabado, o que a análise das formações descobre não é a própria vida em efervescência, a vida ainda não capturada, mas sim uma espessura imensa de sistematicidades, um conjunto cerrado de relações múltiplas.⁶²

Foucault observa então, “um conjunto cerrado de relações múltiplas”, porém, nesse momento, opta por não ultrapassar essa linha, pois ainda irá considerar esses elementos como discursivos: “permanecemos na dimensão do discurso”.⁶³

Assim Foucault ainda insiste na autonomia da arqueologia, porém, os questionamentos que surgem em *L'archéologie du savoir* o levam a cogitar a possibilidade de que o discurso arqueológico não seja tão autônomo quanto havia afirmado⁶⁴ e chegará a afirmar que “o arquivo, as formações discursivas, as positivities, os enunciados, suas condições de formação (revelam) um domínio específico. Domínio que ainda não foi objeto de nenhuma análise”⁶⁵ e que, sobre esse domínio não há garantias de que a autonomia das relações discursivas será mantida.

Ao expandir a arqueologia aos seus limites, percebe que o discurso está relacionado com outros domínios que influenciam sua formação, domínios que devem “ser mais tarde retomados, em outro lugar, de um modo diferente, num nível mais elevado ou de acordo com métodos diferentes”.⁶⁶ Assim, reconhece que a arqueologia não é suficiente para explicar as formações discursivas e compreende a necessidade de transpor os limites alcançados buscando, em um novo método, uma forma de analisar esse novo domínio. Domínio que já se apresentava desde o início de sua trajetória na figura do *a priori* histórico, pois este sempre se remete a um sujeito que fala de algum lugar.

⁶² FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*, op. cit., p. 85.

⁶³ FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*, op. cit.

⁶⁴ DREYFUS, Hubert e RABINOW, Paul. *Michel Foucault, uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica*, op. cit., p. 111.

⁶⁵ FOUCAULT apud DREYFUS, Hubert e RABINOW, Paul. *Michel Foucault, uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica*, op. cit.

⁶⁶ FOUCAULT apud DREYFUS, Hubert e RABINOW, Paul. *Michel Foucault, uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica*, op. cit., p. 112.

Ao problematizar a questão da formação das estratégias e escolhas teóricas, estas apontam para um campo não discursivo, em que o discurso é um elemento político que atua no real. Portanto, esse novo domínio é configurado pelo sujeito, caracterizado como função discursiva, localizado em um campo de práticas não discursivas.⁶⁷ Os problemas que emergem da relação entre práticas discursivas e as práticas sociais e políticas que compõem o domínio não discursivo serão desenvolvidos nos livros posteriores.⁶⁸

A arqueologia, alcançando seus limites, sugere a necessidade de um método que torne possível compreender as formações discursivas relacionadas às práticas sociais estabelecidas entre os sujeitos. Foucault encontra em Nietzsche uma forma de transpor tais limites e inicia uma nova etapa de sua filosofia, a genealogia do poder. A genealogia tem como chave de interpretação do “fundamento social” apontado nas formações estratégicas, “relações de poder”. Assim, sobre Nietzsche e seu pensamento, Foucault diz que ele

é aquele que ofereceu como alvo essencial, digamos ao discurso filosófico, a relação de poder. (...) Nietzsche é o filósofo do poder, mas que chegou a pensar o poder sem se fechar no interior de uma teoria política. (...) Quanto a mim, os autores que gosto, eu os utilizo. O único sinal de reconhecimento que se pode ter para com um pensamento como o de Nietzsche é precisamente utilizá-lo, deformá-lo, fazê-lo ranger, gritar.⁶⁹

Conclusão

O aparecimento do tema das relações de poder na obra de Michel Foucault é resultado de um longo processo, de uma trajetória, em que seu pensamento, à medida que progride, torna-se mais complexo, expandindo-se para outros domínios. Vimos, por meio da análise da obra *Histoire de la Folie*, que o

⁶⁷ “Conforme aponta Foucault, as estratégias, contrariamente às outras formas de unidade das formações discursivas, não constituem o objeto de estudo de nenhuma de seus livros anteriores” – DREYFUS, Hubert e RABINOW, Paul. *Michel Foucault, uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica*, op. cit., p. 88.

⁶⁸ “Nos livros seguintes de Foucault, como veremos, as estratégias aparecerão em primeiro plano” – DREYFUS, Hubert e RABINOW, Paul. *Michel Foucault, uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica*, op. cit.

⁶⁹ FOUCAULT, Michel. “Sobre a prisão”. In: *Microfísica do poder*. São Paulo: Graal, 2010, p. 143.

aparecimento do louco como objeto discursivo da loucura surge mediado pelas percepções sobre ele em diferentes espaços.

Essa percepção se refere sempre a um sujeito que ocupa uma posição determinada na ordem discursiva, ou seja, é ele quem faz anotações sobre o louco a partir de suas percepções. Temos, nesse ponto, a produção de dois tipos de indivíduos, por um lado o que percebe segundo a posição que ocupa em uma instituição e por outro o percebido que, além de ser percebido, está em constante relação com os diversos elementos coercitivos da instituição.

A partir dessa demonstração podemos apontar uma relação entre os indivíduos e o saber, pois há uma ação sobre o louco mediada pelo que se descobre sobre ele e quem age sobre ele o faz segundo regulamentações formuladas a partir da mesma relação. Assim, a questão do a priori histórico apontado em *Histoire de la Folie* mostra a relação desse conceito com o futuro questionamento de Foucault a respeito do sujeito com o saber. Em *L'archéologie du savoir*, livro a princípio produzido para responder a algumas críticas sobre sua obra até o momento, proporcionará o surgimento de algumas questões que levarão Foucault a adotar uma outra postura em relação ao saber mudando o foco de suas pesquisas.

Ao analisar a questão das escolhas estratégicas das formações discursivas percebe que há um vínculo entre os temas adotados e o desejo ou objetivo de proporcionar determinado efeito em um espaço não discursivo. Esses dois questionamentos elaborados por Foucault permitem a ele se reconhecer inserido em um processo semelhante ao que descreve, ou seja, ele também está sendo produzido segundo relações estabelecidas por determinados discursos, efetuadas em determinadas instituições onde tais discursos não o compõem por mero acaso.

Foucault, diante do aparecimento do sujeito como produção discursiva, das práticas sociais como fundamento de escolhas teóricas e da impossibilidade de manter-se no nível discursivo, optará pela concepção nietzschiana de poder pelo fato de este ser abordado de forma distinta dos pensadores políticos. Foucault diz que Nietzsche ofereceu ao discurso filosófico as “relações de poder” e, por concluir que o sujeito está imerso em práticas sociais, ou seja, relações com outros sujeitos localizadas em determinados espaços, podemos dizer que essas relações de poder constituem os sujeitos revestindo-os de discursividade ao estarem vinculados com determinado saber. Portanto, a genealogia, “método” futuro de Foucault, analisará essa questão: que relações

de poder são essas que revestem o sujeito de discursividade produzindo-o de determinada forma? E, se o saber é parte disso, qual é a máquina que engloba saber e relações de poder?

Bibliografia

- ALMEIDA, Tiago Santos. “O ‘a priori histórico’ segundo Michel Foucault”. In: MATA, Sérgio Ricardo da Mata, MOLLO, Helena Miranda e VARELLA, Flávia Florentino (org.). *Caderno de resumos & Anais do 2º. Seminário Nacional de História da Historiografia. A dinâmica do historicismo: tradições historiográficas modernas*. Ouro Preto: EdUFOP, 2008.
- BAYS, Deise Gabriela. *O sujeito em questão – a arqueologia – genealogia das ciências humanas em Michel Foucault*. 2010. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Programa de Pós-graduação em Filosofia, Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), São Leopoldo, 2010.
- BARONAS, Roberto Leises. “Formação discursiva em Pêcheux e Foucault: uma estranha paternidade”. In: NAVARRO-BARBOSA, Pedro e SARGENTINI, Vanice (orgs.). *Foucault e os domínios da linguagem: discurso, poder, subjetividade*. São Carlos: Claraluz, 2004, pág. 45-62.
- CANDIDO, Luiz Felipe Martins. *Genealogia da biopolítica: uma leitura da analítica do poder de Michel Foucault*. 2013. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.
- CHEVALLIER, Jean-Jacques. “Honoré-Gabriel Riqueti, comte de Mirabeau”. In: *Encyclopaedia Britannica*. Chicago: Encyclopædia Britannica, Inc. 2014. Internet, <http://global.britannica.com/EBchecked/topic/384793/Honore-Gabriel-Riqueti-comte-de-Mirabeau>
- DREYFUS, Hubert e RABINOW, Paul. *Michel Foucault, uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Rio de Janeiro: Forenses Universitária, 1995.
- FOUCAULT, Michel. *Nascimento da clínica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1977.
- FOUCAULT, Michel. *História da loucura na Idade Clássica*. São Paulo: Perspectiva, 1978.
- FOUCAULT, Michel. *Nietzsche, Freud e Marx: Theatrum Philosophicum*. São Paulo: Princípio, 1997.
- FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- FOUCAULT, Michel. “Diálogo sobre o poder”. In: *Ditos e Escritos IV: Estratégia, Poder-Saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005, p. 253-266.
- FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.
- FOUCAULT, Michel. “Sobre a prisão”. In: *Microfísica do poder*. São Paulo: Graal, 2010.
- FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso: aula inaugural no College de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970*. São Paulo: Edições Loyola, 2011.
- MACHADO, Roberto. *Ciência e Saber. A Trajetória da Arqueologia de Michel Foucault*. Rio de Janeiro: Graal, 1988.
- PESSOA, Fernando Mendes. *O assunto e o caminho do pensamento de Heidegger*. Espírito Santo: Edufes, 2003.



Bento Silva SANTOS (org.). *Mirabilia 20 (2015/1)*
Arte, Crítica e Mística – Art, Criticism and Mystique

Jan-Jun 2015/ISSN 1676-5818

- REVEL, Judith. *Michel Foucault: conceitos essenciais*. São Carlos: Claraluz, 2005.
SOUZA, José Cavalcante de (org.). *Os Pré-Socráticos: Fragmentos, doxografia e comentários*. São Paulo: Nova Cultura, 1996.
VEIGA-NETO, Alfredo. *Foucault e a Educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.